

DIDO E O ECOFEMINISMO: UMA LEITURA INTERPRETATIVA DO LIVRO I DA *ENEIDA*, DE VIRGÍLIO

Sara Angela da Silva Rodrigues (UFF)

saraangela@id.uff.br

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)

leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO

O presente artigo debate uma leitura interpretativa ecofeminista da personagem Dido, a rainha de Cartago, que é representada na obra *Eneida*, de Virgílio, poema épico escrito no século I a.C. em latim. O texto virgiliano é um dos pilares da literatura ocidental, e apresenta em sua narrativa poética uma série de representações do mundo natural, inclusive em metáforas e simbolismos que comparam a ordem natural com a social, como vamos abordar pelo conceito de Ecologia Fundamental da Língua (EFL), em relação ao contexto da personagem em questão. Uma leitura ecofeminista da *Eneida* foi proposta pela pesquisadora a pesquisadora Lorina Quartarone (2006), que será um de nossos aportes teóricos nesse debate.

Palavras-chave:

Dido. *Eneida*. Ecofeminismo.

ABSTRACT

This article discusses an ecofeminist interpretative reading of the character Dido, the Queen of Carthage, as depicted in Virgil's work, the *Aeneid*, an epic poem written in the 1st century BC in Latin. Virgil's text is one of the cornerstones of Western literature, and within its poetic narrative, it presents a series of representations of the natural world, including metaphors and symbolism that compare natural order with social order, as we will approach through the concept of Fundamental Ecology of Language (EFL), in relation to the context of the character in question. An ecofeminist reading of the *Aeneid* was proposed by the researcher Lorina Quartarone (2006), which will be one of our theoretical contributions to this debate.

Keywords:

Aeneid. Dido. Ecofeminism.

1. Introdução

Em um artigo publicado em 2006, na revista *The Classical World*, intitulado “Teaching Vergil’s *Aeneid* through Ecofeminism” (“Ensinando a *Eneida* de Virgílio através do Ecofeminismo”), a pesquisadora Lorina Quartarone (2006)¹ introduziu uma questão geral muito relevante para a atual

¹ Lorina Quartarone é professora e pesquisadora de estudos clássicos, com foco nas literaturas gregas e latinas. Atualmente, é professora emérita da University of Saint Thomas.

geração de classicistas, sobretudo as mulheres: o debate interseccional entre o feminismo e as obras da Antiguidade Clássica, tema também abordado por Elena Giusti e Victoria Rimell (2021), no estudo intitulado *Vergil and the feminine* (Vergílio e o feminino), publicado pela Vergilian Society. Mais do que uma tema transversal, o assunto tem se tornado um *tópos* entre classicistas do século XXI, em abordagens interpretativas e mesmo tradutórias dos textos clássicos, fundamentadas pelo feminismo.

Ainda em seu estudo, Quartarone (2006) foi mais além da análise do feminismo como uma questão social e interseccional, ao propor uma leitura crítica ecofeminista da *Eneida*, de Vergílio (70 a.C-19 a.C.), uma das mais relevantes obras do tradicional cânon latino. O ecofeminismo, referenciado pela autora como um “instrumento interpretativo” (*interpretative tool*) (Quartarone, 2006), foi definido em seu estudo como uma das vertentes do feminismo que trata as relações e a interação das mulheres com o meio ambiente: “Its concerns with both women and the earth” ([O ecofeminismo] é relativo tanto com as mulheres e com a terra) (Quartarone, 2006, p. 177).

Essa interpretação crítica torna-se necessária na releitura contemporânea da obras literárias mais antigas, pois, segundo Quartarone, as forças dominantes, ou hegemônicas, na cultura ocidental são predominantemente masculinas, ou androcêntricas, isto é, patriarcais: “the dominant forces which have shaped western culture are masculine (or androcentric)” (as forças dominantes que moldaram a cultura ocidental são masculinas ou androcêntricas) (Quartarone, 2006, p. 177), o que promove um apagamento do gênero feminino, e consequentemente uma percepção de que a natureza deve ser objeto de dominação e controle. Nesse sentido, o ecofeminismo emerge como uma inversão de forças, em que a Terra, a Natureza e o Feminino se unem em contraponto a um apagamento androcêntrico. No caso das obras da Antiguidade Clássica, greco-latinas, esse fato pode ser notado por uma presença de divindades femininas relacionadas à natureza, inclusive na *Eneida*, que sofreu influência da *Teogonia*, por exemplo:

Ecofeminism emerges from the observation that the earth, the natural environment (or untamed nature, including wild animals), and the female have historically been closely associated. This idea helps familiarize students with a longstanding cultural attitude. Students may already recognize the earth goddess Gaia, the agricultural goddess Demeter or Ceres, or the term “Mother Earth” (Quartarone, 2006, p. 178)

Segundo Quartarone, o Ecofeminismo emerge diretamente de uma observação do mundo natural, da Terra, dos animais selvagens, e o mundo feminino que sempre foi associado a essa realidade natural. A deusa Gaia, as deusas Deméter e Ceres e mesmo o termo Mãe-Natureza ainda possuem um sentido que circula nas línguas e no pensamento do senso-comum, sem que

haja muitas vezes uma tradição específica, ou ritos para a transmissão dessas imagens, tão comuns à época da antiga Hélade, a Grécia clássica, ou mesmo da Roma antiga.

2. A personagem Dido: um arquétipo ecofeminista da abelha-rainha?

A fim de desenvolver esse debate, selecionamos uma personagem mitológica específica, que é a lendária rainha Dido, de Cartago, e analisaremos a narrativa sobre a sua descrição, que se vincula ao mundo natural, conforme o livro I da *Eneida*, de Virgílio. A personagem mitológica Dido, também chamada como Elissa, é uma das raras mulheres a governar um império sozinha na Antiguidade Clássica, seu reino de Cartago, antiga cidade-Estado fenício, situada no norte da África, é o atual território da Tunísia e da Líbia.

A narrativa da *Eneida* sobre o seu reinado foi escrita entre 29 e 19a.C., o que faz com que haja uma proximidade temporal entre a redação do poema épico de Virgílio e fatos históricos relacionados à fundação do Império romano, como a batalha do Senado Romano contra Marco Antônio e Cleópatra, a última faraó do Egito. A interpretação de que Dido é uma percepção poética de Cleópatra é um tema recorrente na análise histórica da personagem mitológica, o que já foi tratado por diversos intérpretes da obra de Virgílio. Todavia, não é esse o escopo de nossa análise.

Chama-nos a atenção não apenas o fato de Dido ter sido a governante de uma importante cidade-Estado, mas como Virgílio aborda o tema da construção do reino de Cartago, ao longo de toda a narrativa do livro I da *Eneida*. Há uma metáfora central nessa descrição, que se remete ao mundo natural, e mais especificamente, à colmeia e à organização social das abelhas.

<i>Corripuere viam interea, qua semita monstrat.</i>	
<i>Iamque ascendebant collem, qui plurimus urbi</i>	
<i>imminet, adversasque adspectat desuper arces.</i>	420
<i>Miratur molem Aeneas, magalia quondam,</i>	
<i>miratur portas strepitumque et strata viarum.</i>	
<i>Instant ardentes Tyrii pars ducere muros,</i>	
<i>molirique arcem et manibus subvolvere saxa,</i>	
<i>pars optare locum tecto et concludere sulco.</i>	425
<i>[Iura magistratusque legunt sanctumque senatum;]</i>	
<i>hic portus alii effodiunt; hic alta theatris</i>	
<i>fundamenta locant alii, immanisque columnas</i>	
<i>rupibus excidunt, scaenis decora alta futuris.</i>	
<i>Qualis apes aestate nova per florea rura</i>	430
<i>exercet sub sole labor, cum gentis adultos</i>	
<i>educunt fetus, aut cum liquentia mella</i>	
<i>stipant et dulci distendunt nectare cellas,</i>	

*aut onera accipiunt venientum, aut agmine facto
ignavom fucos pecus a praesepibus arcent:* 435
*fervet opus, redolentque thymo fragrantia mella.
'O fortunati, quorum iam moenia surgunt!'*
*Aeneas ait, et fastigia suspicit urbis.
Infert se saeptus nebula, mirabile dictu,
per medios, miscetque viris, neque cernitur ulli.* 440

([Eneias e Anquises] seguiram a via, enquanto isso, pela trilha que seguem. E agora eles estavam subindo o morro, que se ergue imponente sobre a cidade, e do topo observam as cidadelas opostas. Enéias se maravilha com as construções [da cidade], outrora cabanas, admira os portões e o barulho, até as estradas pavimentadas das ruas. Uns, entre os ansiosos Tírios, se apressam em construir muros, e em fortificar a cidadela e carregar as rochas com as mãos, Outros escolhem um local para morar e o cercam com uma trincheira. [Eles estabelecem leis e elegem os magistrados e o venerado Senado;] aqui uns cavam portos; lá outros lançam as profundas fundações para teatros e esculpem colunas enormes das rochas, adornos adequados para futuras cenas. Assim como no verão as abelhas pelos campos floridos exercem seu trabalho sob o sol, quando conduzem a prole madura de sua colmeia, ou quando empacotam o mel fluente e expandem as células com néctar doce, ou recebem as cargas dos recém-chegados, ou, quando uma fila é formada, expulsam os zangões, as criaturas preguiçosas, de suas colmeias: o trabalho fervilha, e o mel perfumado cheira a tomilho. “Oh, afortunados, cujas muralhas agora estão se erguendo!” diz Enéias, e olha para os cumes da cidade. Ele entra, envolto em uma nuvem, algo maravilhoso de se contar, pelo meio deles, e se mistura com os homens, e não é visto por ninguém).

A cena descreve o herói épico Eneias observando de um monte a construção da cidade-Estado de Cartago, o reino de Dido. Na narrativa, nota-se a constante presença do binômio natureza – cultura, na oposição entre o mundo natural, o ecossistema natural em que Eneias se situa e uma cidade em construção, o reino de Dido, um ecossistema social e político, uma cidade-Estado. O narrador descreve toda a cena em detalhes, com o trabalho dos cidadãos tírios, os fenícios, na construção e arquitetura de espaços da cidade, até que a narrativa se desenvolve em um “símile”, em uma comparação por analogia, com a abelha-rainha que constroi uma colmeia. Vejamos, em destaque, a tradução do excerto (*En*, 1, 430-436), que compara o trabalho das abelhas com o trabalho humano de construir um reino, uma cidade-Estado:

Assim como no verão as abelhas pelos campos floridos exercem seu trabalho sob o sol, quando conduzem a prole madura de sua colmeia, ou quando empacotam o mel fluente e expandem as células com néctar doce, ou recebem as cargas dos recém-chegados, ou, quando uma fila é formada, expulsam os zangões, as criaturas preguiçosas, de suas colmeias:

o trabalho fervilha, e o mel perfumado cheira a tomilho.

Essa comparação demonstra que os limites entre natureza e cultura são tênues, pois há reinos animais, ou cidades-Estado, também encontradas para além do mundo humano. Essa concepção foge do antropocentrismo aristotélico, em que a cidade-Estado, a *pólis* era algo exclusivo da espécie humana, única racional, pelo uso do *lógos*, e dotada de um uso social da linguagem, a política. Todavia, o fato de este reino de Cartago ter sido fundado por uma mulher, a rainha Dido, leva o poeta a afastar também a percepção de que a civilização é algo do universo, ou da cosmologia, masculina, como era a base da doutrina aristotélica.

Cartago era um reino, ou uma cidade-Estado, fundado por uma rainha, que retirava a sua fundação não de um bem comum, ou da virtude política derivada da racionalidade, como pressupunha o pensamento aristotélico, mas antes de uma vinculação ao mundo natural, como as abelhas faziam. Nesse aspecto, Virgílio apresenta uma noção diversa da de Aristóteles, de uma cidade-Estado vinculada e em interação com a natureza, não de uma civilização ou cultura em oposição ao mundo natural. A cidade-Estado de Cartago era um ecossistema político dependente do ecossistema natural, assim como uma colmeia. Esse símile apresenta uma visão ecossistêmica das antigas cidades-Estado gregas.

Note-se que esse símile não é uma inovação de Virgílio, o autor da *Eneida*, pois o encontramos em uma obra bem anterior de Homero, que foi fonte de inspiração para o poeta latino. O mesmo símile, sobre a organização da vida social das abelhas em colmeias, foi descrito por Homero na *Ilíada*, II, 87-93, como notou a classicista Sara Heist, da Liberty University, no estudo intitulado *Insight into the Community: Bee Similes in the Iliad and the Aeneid* (“Dentro da comunidade: símiles sobre abelhas na *Ilíada* e na *Eneida*”). A classicista traduziu para o inglês essa sequência, que aqui retraduzimos, a título de comparação:

*Like the swarms of clustering bees that issue forever
in fresh bursts from the hollow in the stone, and hang like
bunched grapes as they hover beneath the flowers in springtime
fluttering in swarms together this way and that way,
so the many nations of men from the ships and the shelters
along the front of the deep sea marched in order
by companies to the assembly...* (Heist, 2016, p.2)
(Como os enxames de abelhas que saem incessantemente
em rajadas frescas do oco na pedra, e se penduram como
cachos de uvas enquanto pairam sob as flores na primavera,
agitando-se em enxames para cá e para lá,
assim as muitas nações de homens dos navios e das moradas
ao longo da frente do mar profundo marcharam em ordem
por companhias até a assembleia)

Podemos notar que a descrição homérica é mais relacionada a uma generalização do que o símile virgiliano, ao mesmo tempo que ressalta a natureza política da comunidade de abelhas, uma característica que não é considerada meramente humana, em uma perspectiva não antropocêntrica. Os gregos comparavam a colmeia às “assembleias”, isto é, às reuniões políticas que garantiam as suas democracias, se interpretarmos os ensinamentos de Homero transmitidos a Virgílio.

3. Cartago, o reino africano e seu ecossistema social e mitológico: metáfora do Egito?

O reino mitológico de Virgílio, cuja capital era a cidade-Estado de Cartago, pode ser descrito como um ecossistema social complexo, uma cidade em região litorânea ao Norte da África, constituída por imigrantes fenícios, como uma colônia. A comparação da edificação da cidade-Estado com uma colmeia, tendo como ponto de convergência dessa analogia a personagem Dido, uma rainha, como descreveu Virgílio: *femina dux facti* (uma mulher como governante desses feitos), é o ponto central de constituição desse ecossistema sociomitológico, em que as imagens se sobrepõem simbolicamente, Dido é uma mulher-abelha, uma matriarca em ascensão, dominante sobre sua colmeia.

Todavia, historicamente, podemos nos inquirir sobre qual teria sido uma possível imagem real que inspirou o poeta épico a constituir sua realidade poética, a sua imitação da natureza. A época que é contexto da redação da *Eneida* é um momento muito conturbado na história da Roma antiga, o momento posterior à guerra civil entre o Senado romano e o general Marco Antônio e Cleópatra, a última faraó do Egito alexandrino. A personagem histórica Cleópatra exerceu profundo fascínio nos romanos, e muito provavelmente a rainha Dido foi uma metáfora de Cleópatra.

O contraponto da imagem de Dido se faz com outro personagem simbólico na narrativa épica: o herói Eneias, que é o protagonista da *Eneida*, a obra que em tradução literal descreve os seus feitos. Podemos notar, porém, que o protagonismo de Eneias, ao menos momentaneamente, é ofuscado por essa figura simbólica, mulher e abelha-rainha, que é Dido. Eneias representa, simbolicamente, a dominação masculina sobre o mundo natural e sobre si mesmo, pelos conceitos de *pietas* e *fides*, é o herói que sacrifica a si mesmo, e aos outros, para a fundação do Império romano.

Dido é o seu oposto, seu reino é um espaço de acolhimento para imigrantes e refugiados, e não é apresentado como um Império em ascensão ou expansão, é mais uma comunidade em situação defensiva, em interação com

o mundo natural, do que um agressor e dominador da natureza. Eneias, o herói épico da *Eneida*, descreve Cartago sob o ponto de vista da deusa Vênus, a sua mãe, que representa a essência do gênero feminino na cosmogonia mitológica latina. Nesse sentido, o herói épico é um intermediador, que apresenta o reino de Cartago lado a lado a colmeia, encontrada em seu estado natural.

Essa cosmovisão ecofeminista, que registra não só o feminino e mundo natural, mas as suas interações com o ecossistema social e político que formam o lendário reino de Cartago nos aproximam historicamente de como era vista o Egito antigo regido por Cleópatra.

O Ecossistema Fundamental da Língua (EFL): povo(s)–território(s)–língua(s) constitui-se nessa interpretação simbólica da *Eneida*, em que o território tem proeminência. O reino de Cartago, fundado em território da Líbia antiga, pelos povos fenícios é descrito na língua latina dos romanos. O fato de ser um reino estrangeiro e deslocado do território comum dos romanos, de ser um reino africano, e de ter um povo diverso são as inovações do poeta Virgílio que traz essa mensagem de que os reinos dessa região e tempo mantinham um maior vínculo com o mundo natural do que os próprios romanos.

O fato de o poeta ter trazido a lenda de Dido, rainha de Cartago, para a sua narrativa já vincula de imediato a sua poesia épica ao temário de estudos feministas, mesmo que em data tão recuada na História da Literatura. Como afirma a historiadora Michelle Perrot, na sua obra *Minha história das mulheres* (2007): “Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história?” (Perrot, 2007, p. 16).

Em um ecossistema mental, ou textual, fechado, para o culto aos homens e seu domínio sobre a natureza, que é o mundo da poesia épica, Virgílio transgride essa tradição patriarcal ao colocar uma rainha como líder de um reino integrado, em sua perspectiva poética, ao mundo natural. É o contraponto ecofeminista ao modelo homérico, pois em sua colmeia, a regência feminina é um novo arquétipo.

A biografia de Cleópatra nos auxilia a desvelar essa metáfora simbólica e contextualizá-la historicamente no século I a.C., afinal resta-nos a indagação se a personagem histórica Cleópatra pode ser descrita como uma precursora do Ecofeminismo na Antiguidade Clássica.

4. Cleópatra e Dido: entre o poder e a dominação

Nossa proposta no artigo é ingressar nesse debate, aprofundando a interpretação na perspectiva ecofeminista da *Eneida* a partir da personagem *Dido*, em uma leitura crítica que não é mais centrada na *pietas* e *fides* do herói *Aeneas*, mas trata o herói que dá título ao poema épico como um intermediador entre diversas personagens femininas e o mundo natural. Para essa análise, elencamos excertos do livro I da *Aeneis* como *corpus* de análise, propondo uma tradução que pusesse em relevo as questões debatidas sob a perspectiva do ecofeminismo, isto é, das relações entre as mulheres e o mundo natural. Para intermediar esse debate, selecionamos a teoria ecolinguística, desenvolvida no Brasil pelo linguista Hildo Honório Couto (2002).

Inicialmente, é importante mencionar que a obra *Eneida* foi escrita no século I a.C na Roma Antiga como um pedido realizado pelo Imperador da época, sendo este Augusto. Este escrito, terceira obra do escritor Virgílio, é considerada uma poesia épica contada em uma narrativa *in media res*, isto é, uma história narrada que se inicia no meio de alguma circunstância e, após alguns trechos, retoma o que havia sido apresentado. Tal epopeia foi elaborada em versos que, por consequência, geraram 12 cantos.

Pode-se observar que o canto I é um marco importante na construção da trajetória, representatividade e narrativa da personagem. Além disso, afirma-se a relação entre Dido e Cleópatra e as respectivas representatividades que ambas possuíam em seus respectivos cargos. De um lado, verifica-se a existência de uma Rainha literária que obteve um grande marco dentro na narrativa épica, no caso, Dido. E, por outro lado, a presença da última faraó do Egito, Cleópatra. Dentro da pesquisa, será apresentada a representação do poder feminino influenciando não somente a vida de alguns indivíduos da sociedade, mas sim a mudança de uma estrutura social. Menciona-se tal fator, haja vista que, ao obterem cargos políticos que lhes deram reconhecimento, essas protagonistas conseguiram transformar o meio social que lhes circunscrevia.

Como dito anteriormente, utilizaremos a teoria do conceito Ecossistema Fundamental da Língua, proposta pelo professor Hildo Couto, em que há uma associação correspondentes às interações entre povo-território-língua com a obra apresentada. Além disso, será abordado uma relação de poder relacionado com uma metáfora da colmeia que pode ser definido como, um ecossistema presente dentro do reino animal em que as abelhas fazem parte. Falaremos também da sua analogia com a ideia de poder presente no reino animal correlacionado com a explicação do poder que será disposto pelas protagonistas femininas.

Desse modo, realiza-se menção à historiadora Michelle Perrot, na sua obra *Minha história das mulheres* (2007), que diz:

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história?. (Perrot, 2007, p. 16)

Tal alusão permite ao leitor uma visão de que desde a antiguidade, as mulheres citadas por alguns escritores já dispunham de grande representação na história e é sobre esta que abordaremos ao longo do desenvolvimento do presente trabalho.

5. *Ecolinguística (EL) e sua relação com o reino de Cartago*

De acordo com Couto (2007), a Ecolinguística pode ser definida como o “estudo das relações entre língua e meio ambiente”. A partir desta definição, vê-se que as relações existentes entre o mundo real e o mundo ambiental nos permite enxergar diferentes interpretações para com aquilo que experienciamos em uma obra literária.

Na obra *Eneida*, a relação de poder exercida pela Rainha Dido, dentro do contexto do reino de Cartago, apresenta uma visão de uma mulher que exerce uma grande influência e poder absoluto dentro da comunidade cartaginense. Tal análise ficcional permite o desenvolvimento de múltiplas visões se comparada com o reino animal, mais especificamente, a uma colmeia, uma vez que se correlacionada ao contexto animal, observa-se que cada ser dispõe de uma tarefa a ser realizada. Do mesmo modo, o contexto social nos permite enxergar as ocupações que cada indivíduo apresenta dentro da sociedade.

Dentro da organização dos setores de relativo “poder” apresentados nos abelheiros, pode ser visto a divisão entre o lugar ocupado pela abelha rainha, que é considerado a maior posição, a presença zangões, considerada dentro de uma visão piramidal, o segundo lugar e a rede das operárias ou obreiras que ocupam a última posição. Neste reinado, a abelha rainha coordena e domina todas as tarefas que serão realizadas pelas operárias, levando-nos a crer que, sem ela, o trabalho exercido não tem sentido. A abelha rainha, apesar de não dispor de certo comando para com o que as operárias farão, é responsável por gerar outras abelhas auxiliando, conseqüentemente, no condicionamento da estrutura social do reino. E, permitindo, através deste fator, com que a colmeia funcione e viva dentro do ecossistema. Tal ocupação gera similaridade com o posicionamento exercido pela Rainha Dido, haja vista que sem uma pessoa exercendo influência e poderio sobre as pes-

soas que se encontram ao seu redor, a organização do reino não conseguiria ser estruturada.

Outro ponto importante está associado não somente com a disposição do poder, mas com os indivíduos que estão ao seu redor. Dentro de uma colmeia, a abelha rainha dispõe de grande importância e representatividade para fazer com que o ecossistema funcione. No entanto, sem a presença das operárias e dos zangões, a estrutura social desta não consegue avançar. Esse funcionamento nos leva a pensar, da mesma maneira, na presença da Rainha Dido que, mesmo sendo detentora de poder, necessitava dos soldados para vencer as guerras e dos constituintes do reino para lhe fornecer auxílio na estrutura social do reino de Cartago.

A importância do símbolo das colmeias no reino animal e no reino humano está associada à relevância de Cartago na narrativa Eneida. Na perspectiva ecológica, o reino das abelhas auxilia no mantimento do equilíbrio do ecossistema e, sem elas, há um grande impacto negativo na vida dos seres humanos e em todo contexto ecológico. Isso se deve, não somente pela questão da produção do mel, mas também pela coleta do néctar e pólen das flores que estas realizam. Da mesma maneira, pode-se dizer que sem a presença do reino de Cartago e aparição da rainha Dido, a obra não apresentaria sentido em sua totalidade.

Como já mencionado anteriormente, a teoria do Ecossistema Fundamental da Língua, proposta pelo professor Hildo Couto, relaciona, dentre seus muitos aspectos, a língua, o território e o povo. Tal conexão nos permite visualizar que todos os povos possuem uma língua, mesmo que esta tenha sido fruto das transformações ocorridas com o passar dos anos, um território, sendo este o local em que determinada comunidade habita e distribui suas tarefas e um marco cultural como forma de representar a identidade de um povo. Na obra Eneida, a língua marcada na época era o latim e, consequentemente, as narrativas apresentadas nela discorrem acerca de uma realidade ficcional e imaginária da Roma Antiga. Observa-se que uma língua não apresenta singularidade em sua formação, isto é, para que o latim da época possa ter sido considerado uma língua, ocorreram múltiplas transformações e difusões.

Outro ponto relevante a ser apontado está associado com o território e o povo da época. Quando pensamos no contexto de Virgílio, estamos pensando em um período em que Augusto detinha de total poder e era o Imperador daquele momento. Desse modo, vemos que Roma, desde a sua formação apresentará poderes centralizados nas mãos de homens, bem como, as ocupações e dominações realizadas por todo o Império Romano. Sendo assim, quando observa-se a presença da Rainha Dido, no decorrer de dois cantos,

vê-se a quebra de uma visão patriarcal da época posta diante de um alto cargo ocupado por uma mulher.

6. A transformação da personagem Dido ao longo da narrativa

Durante o transcorrer da obra Eneida, observa-se que o canto I apresenta, por meio dos seus versos, o desenvolvimento da protagonista Dido. Deste modo, pode-se dizer que os versos latinos abaixo retratam a trajetória da personagem.

Tantaene animis caelestibus irae?
Urbs antiqua fuit (Tyrii tenuere coloni)
Carthago, Italiam contra Tiberinaque longe
ostia, diues opum studisque asperima belli. (vv.11-14)
Imperium Dido Tyra regit urbe profecta,
germanum fugiens. Longa est iniuria, longae ambages. (vv. 340-341)
Tum celerare fugam patriaue excedere suadet
auxiliumque ulae ueteres tellure recludit
thesauros, ignotum argenti pondus et auri.
His commota fugam Dido sociosque parabat.
Conueniunt quibus aut odium crudele tyranni aut metus acer erat; naues, quae
torte paratae,
corripuiunt onerantque auro. Portantur auari
Pygmalionis opes pelago; dux temina facti. (vv. 356-363)

Diante dos versos apresentados anteriormente, o escritor Carlos Alberto Nunes utiliza-se da seguinte tradução para os respectivos trechos apresentados:

“Cabe tão fero rancor no imo peito dos deuses eternos?
Cidade antiga existiu, dos colonos de Tiro povoada,
forte Cartago, distante da Itália e das bocas do Tibre,
rica de todo comércio, de grande maldade na guerra.
A Dido o império pertence, exilada de Tiro potente,
para livrar-se do irmão. Longa é a injúria; variados os fatos.
Aconselhou-a a fugir, a exilar-se da pátria querida,
sobre tesouros antigos mostrar-lhe, que havia escondido,
de incalculável valor, ouro e prata aos montões para a viagem.
Dido, alarmada, prepara a saída e alicia mais gente para o seu plano, movidos
de horror ao tirano ou até mesmo de puro medo levados. Tomadas de assalto
umas naves acaso prestes, carregam-nas de ouro, as famosas riquezas de Pig-
malião.
A aventura por uma mulher é chefiada.”²

² Originalmente traduzido e publicado no livro “Eneida”, de Tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014 (1ª Edição).

A partir dos fragmentos citados anteriormente, observa-se nos primeiros versos, a presença de “Tiro”, cidade localizada ao lado norte da África e habitada, em grande parte, pela população fenícia. Uma outra importante cidade mencionada nestes versos é Cartago que é apresentada, em um primeiro momento, mas que se associará com uma perspectiva de fundação posteriormente. Assim, vemos que logo de início, Virgílio menciona duas localizações que se relacionam com o rumo de vida que a protagonista Dido tomará em sua história. Sendo, a cidade de Tiro relacionada com o nascimento desta protagonista e a cidade de Cartago com a cidade em que o seu poder será exercido.

Em relação ao aspecto narrativo da personagem, vemos que sua história se inicia em Tiro, onde vivia com o Rei Belo, seu pai, e Pigmalião, seu irmão. Após alguns anos, ela se casa com Siqueu, que era um homem rico e detentor de poder da época. No entanto, com a morte de seu pai, Pigmalião anseia matar o seu esposo e obter o poder para si. E diante da situação que lhe é posta, Dido é obrigada a fugir da cidade de origem obtendo, como consequência, o encontro e fundamento do reino de Cartago.

A continuação da história apresentada anteriormente está associada com a saída de Dido de Tiro e sua preparação para uma nova aventura que será enfrentada. Assim, neste momento, a figura de Dido correlacionada com uma representação infantil é transformada em uma figura de uma mulher adulta que necessita tomar atitudes para transformar o meio que lhe circunscreve. Do ponto de vista da história, o amadurecimento da personagem em um curto espaço de tempo é apontado a partir da sua vivência em Tiro juntamente com o seu pai. Nela é vista a presença da pureza e inocência de sua infância que, ocasionalmente, não lhe permitia analisar a ganância e o desejo de obtenção de poder que o seu irmão possuía. Entretanto, ao verificarmos sua passagem e fundação da cidade de Cartago, a pura menina que saíra de Tiro, adquire uma maior maturidade e visão madura para com a realidade que estava transpassando e, passa a se tornar uma mulher que detém poder em seu reinado. Consequentemente, há uma visão associada ao fato de que a vida desta e das pessoas que as circundavam a fizeram adquirir um maior discernimento para com aquilo que ela faria e, em seguimento, para com as decisões que ela tomaria.

A presença e associação de Dido com o Império põe esta, de certo modo, como uma figura detentora de posição política e social dentro de um reinado. E, mostra que, por mais que o seu poder possa ter sido usurpado por em um determinado momento por seu irmão, a sua representatividade para com o interior da obra e para com o reino que esta obterá nunca será esquecida. Um outro ponto relevante a ser mencionado está relacionado com sua saída de Tiro como uma forma de conseguir salvar a própria vida e abando-

nar o irmão que ceifou, sem alguma piedade, o seu esposo Siqueu. Assim, vemos que o termo “Longa é a injúria”, exibida no verso 341, está associado com o pensamento de que grande e extensa é a perversidade praticada por seu irmão.

O último verso do trecho é composto pela frase “Dux femina facti” ou “Dux termina facti” que pode ser traduzido como “uma mulher que é chefe de um feito”. Tal feito se relaciona com a forma como fundou e governou Cartago, orientando e comandando os soldados e exércitos que ali habitavam, bem como a presença de um certo controle sobre o protagonista Enéias que será apontado mais adiante. Quando é abordado a perspectiva do domínio, pode-se dizer que esta se correlaciona com a paixão desenvolvida ao longo do canto da personagem Dido para com Eneias, haja vista que este despertara nela um sentimento ainda mais forte.

Além disso, é importante ressaltar que o termo utilizado por Virgílio no que tange à seleção da palavra “dux”, foge de uma visão patriarcal da época, sendo este um substantivo feminino, e gera, de certo modo, no leitor, uma visão mais igualitária acerca da representação da rainha. Tal evento é relevante, haja vista que o Império Romano do período fora marcado pela atuação de Augusto como Imperador e não somente ele, como também toda a visão masculina como detentora de poder do tempo.

Como mencionado anteriormente, observa-se que dentro da narrativa, Eneias, além de ser o protagonista principal da obra, é um personagem que aparece na vida de Dido após ter passado por uma tempestade comandada pelos deuses que o levaram à ilha de Cartago. Este, ao chegar no território, é recebido com um banquete e hospitalidade, ações típicas da narrativa latina e grega. No que tange a proposta realizada pela narrativa latina, verifica-se a presença do banquete que é composto pela aparição de diferentes comidas, vinhos e músicas instrumentais realizadas por personagens que eram denominados Iopas. O Aedo, sendo este uma espécie de cantor, representa uma visão simbólica do próprio Virgílio haja vista que o autor retrata a obra *Eneida* por meio de uma poesia cantada.

Outro ponto importante a ser comentado está associado com a presença dos deuses, que são recorrentes no decorrer da obra. Nota-se que tais aparições se devem por conta da influência da cultura grega na cultura romana. E dentro da narrativa, vê-se, mais especificamente, as deusas Vênus e Juno sendo apresentadas e se unindo, pela primeira vez, para conectarem Dido e Eneias. Nessa perspectiva, é observada a questão da presença das deusas como detentoras de influência para com o destino dos personagens. Logo, a obra apresenta, em seu decorrer, um visível dilema entre o poder apresentado pelos deuses e pelo destino cujo principal foco está no protagonista Eneias.

Desse modo, diante dos apontamentos realizados anteriormente, observa-se que o escritor Virgílio apresenta uma nova abordagem da poesia épica e apresenta o personagem Eneias como um instrumento para se falar de Dido, ocorrendo, de certa forma, uma quebra de expectativa no que tange ao fato de que era esperado um herói épico denominado “pater Aeneas”.

7. A representatividade de Dido e Cleópatra

A relação entre a representatividade de Dido e Cleópatra nos permite enxergar o quanto as mulheres do passado influenciam uma estrutura social até os dias atuais. Dido, rainha de Cartago, obteve dentro da obra Eneida, um canto totalmente direcionado à sua posição e reinado. Já, Cleópatra, a última faraó do Egito, dispõe de um grande marco histórico dentro das comunidades em que pode fazer parte e nas quais obteve domínio. Observa-se que ambas as protagonistas passaram por sociedades em que possuíam, em sua maioria, homens como detentores de poder. No entanto, as mesmas se destacaram por conseguirem fundar e governar reinos em que o poder masculino da época dispunha de representatividade.

Cleópatra Tea Filópator, mais conhecida como Cleópatra VII, era filha de Ptolomeu 12 e era considerada a filha favorita de seu pai. Desde muito nova e com a morte de seu pai, Cleópatra teve que se casar com o seu irmão Ptolomeu 13, pois de acordo com a tradição dos Ptolomeus, os mesmos tinham que se casar com pessoas da própria família para que não houvesse contaminação do sangue. Contudo, devido à prematuridade associada à idade deste, a inexperiência para com a tomada de decisões e organização do Egito prejudicava os rumos que o governo necessitava tomar. Tendo em vista este fator, seu acompanhante decide tomar decisões e acaba matando Pompeu que tinha, na época, conflitos com Júlio César e ao mesmo tempo, relações familiares com ele.

A partir deste viés, ao lembrar os aspectos econômicos e políticos de Roma e do Egito, nota-se que estes possuíam grandes relações por meio de trocas comerciais e políticas devido à presença de um dos rios mais importantes da época, o Rio Nilo. Cleópatra, observando tamanho contexto e, vendo a revolta que fora provocada em César por conta da morte de Pompeu, percebe que necessitaria falar com ele para que as relações sociais e políticas entre os povos não fossem abaladas. Contudo, sendo esta uma mulher detentora de estratégia e poder político, a relação com Cesar ultrapassa os âmbitos governamentais e passa a se tornar uma relação amorosa.

Ao analisar a perspectiva sentimental de ambas as protagonistas, tem-se uma conexão a partir de vieses associados a períodos de guerra ou conflitos.

tos, isto é, homens que apresentavam questões políticas em seu entorno. Pode-se dizer que tanto Cesar quanto Eneias eram, de certa forma, indivíduos conectados com guerras. Júlio César era um Imperador que estava em um momento de expansão territorial do Império Romano e Eneias, um personagem que havia sido prisioneiro de guerra.

O reinado de Cleópatra é marcado pela inteligência, estratégia e visão que esta obtinha para com a tomada de decisões e sabedoria para o mantimento delas. Assim como Dido, ela consegue governar um reino em que as práticas econômicas, tais como a agricultura, a cultura e os estudos não perdessem seu potencial e continuassem, cada vez mais, crescentes. Os egípcios eram um povo muito desenvolvido em termos de conhecimento, aspectos medicinais, descobertas e avanços tecnológicos. E, ter uma figura feminina que conseguisse obter poderio e representatividade durante o período apresentado é considerado um grande marco na história do Egito.

Em uma perspectiva contemporânea, pode-se dizer que os avanços tecnológicos juntamente com o aparecimento de novas plataformas de filmes, séries e documentários nos permitem obter um maior contato com os conhecimentos experienciados em séculos passados. Nesse sentido, há a série “Rainha Cleópatra”³ exibida pela plataforma Netflix que retrata, em um panorama geral, a história da Rainha e seus desdobramentos para alcançar sua posição política, bem como sua referência.

Neste meio digital, a Rainha é apresentada como uma jovem e sua história se inicia com a morte de seu Pai, Ptolomeu 12, o casamento com o seu irmão, Ptolomeu 13, a sua chegada a Roma, o seu encontro com Júlio César, o nascimento de seu filho e as suas respectivas estratégias para se manter no poder. Nela, observa-se as tomadas de decisões e os desdobramentos ocorridos na vida de Cleópatra narrados por meio de historiadores que apontam minuciosamente os aspectos sociais, políticos e econômicos da época.

Além deste mecanismo, verifica-se a presença do livro “Cleópatra: A rainha que desafiou Roma e conquistou a eternidade” realizado pelo autor Alberto Angela. Nesta obra, dentre as múltiplas descrições propostas pelo autor que se inicia desde o nascimento de Cleópatra até o surgimento do Império Romano, observa-se a história amorosa vivenciada pela protagonista e por César, mas não somente por ele, como também por Antônio. Nesse aspecto, destacamos a afirmação abaixo:

³ “Rainha Cleópatra” trata-se de uma série documental apresentada na plataforma Netflix que discorrerá acerca da trajetória desta personagem por meio de relatos culturais e históricos. Tal cinematografia obteve publicação no ano de 2023.

É importante destacar que as uniões nessa época não são guiadas por uma atração física ou sentimental, mas, sobretudo, pela vontade de selar acordos de política, poder e riquezas. O que explica muitas vezes estranhos equilíbrios entre os casais, compreensíveis apenas por uma conveniência recíproca da relação. (Angela, 2019, p. 117)

Nesse sentido, é importante salientar que por mais que houvesse uma relação amorosa entre Cleópatra e César, a principal relação que os unia estava associada à questão econômica e política. Tem-se esse pensamento, haja vista que, como mencionado anteriormente, as questões geográficas presentes entre o Mar Vermelho e o Rio Nilo favoreciam as trocas comerciais entre Roma e o Egito Antigo. Como consequência, pode-se dizer que a relação existente entre estes protagonistas auxiliava ainda mais nas relações econômicas entre as cidades citadas anteriormente.

Por meio dos fatos apresentados anteriormente, é possível analisar que a Rainha Dido dispõe de uma temática mitológica e política, bem como a Rainha Cleópatra que, apesar de não apresentar uma vertente mitológica, por se tratar de uma história verídica, retrata um caráter político. Desse modo, menciona-se que ambas as representatividades se associam ao passo de ser protagonistas femininas, detentoras de poder da época em que foram retratadas e por conseguirem alcançar seus objetivos e desejos em meios em que o protagonismo masculino era mais forte.

Sendo assim, o reconhecimento desta não está somente associado aos fatores que realizaram, mas sim devido ao destaque que dispuseram no decorrer de suas trajetórias e conquistas. Ambas são Rainhas que, desde o seu nascimento, tiveram que lutar pela sobrevivência e pela visibilidade nas respectivas tomadas de poder.

8. Conclusão

Ao decorrer do artigo, foi apresentado o canto I da obra Eneida, escrita por Virgílio, a atuação da teoria Ecolinguística, proposta pelo Prof. Dr. Hildo Couto e o grande papel que a Rainha Dido dispôs na obra de Virgílio. Por meio da obra Eneida, conseguimos observar que o autor exalta e apresenta múltiplos versos para relatar acerca do nascimento, crescimento e fase adulta da personagem Dido. A seleção dos locais de sua origem e a construção das fases de sua vida permitem ao leitor, uma maior amplitude de conhecimento e interpretação para com aquilo que está lendo.

No presente trabalho, foi, para além de todas as intenções interpretativas e interdiscursivas, apresentar Dido associada a uma figura feminina que obteve êxito em realizar a administração de um reino e desenvolver o seu protagonismo dentro da narrativa. Dido foi apontada não somente como uma

“Dux femina facti”⁴, mas como umas das principais protagonistas dentro da obra Eneida e como a personagem feminina mais bem representada e possuidora de dois cantos, sendo estes o canto I e o canto IV, direcionados à sua jornada.

Outro ponto importante apontado no decorrer desta produção está associado com a teoria Ecolinguística proposta pelo professor Hildo Couto. Nela, observamos a teoria do Ecossistema Fundamental da Língua relacionada a língua, o território e o povo. Permitindo, de certa forma, uma melhor compreensão da história literária proposta por Virgílio e gerando uma ideia de que da mesma forma como há uma organização mitológica acerca do reino de Cartago, há uma estruturação no reino animal para que a configuração social funcione.

Por fim, foi apresentado a representatividade e a relação entre as protagonistas Dido e Cleópatra. Tal perspectiva mostra, de certa forma, que por mais que ambas tenham vivenciado épocas diferentes, suas histórias se relacionam pelo papel político que dispuseram e pelas relações amorosas para com os indivíduos que perpassaram em suas vidas. Além disso, há a escolha realizada sabiamente pelo escritor Virgílio em apresentar e derivar dois cantos, sendo um, exclusivamente para uma figura feminina.

Sendo assim, vê-se que Dido obteve grande importância dentro da Cidade de Cartago e Cleópatra dentro do Egito e Roma. Ambas foram guerreiras e lutaram não somente para si próprias, mas como também para todo o meio social que existia em seus entornos. Logo, isso nos revela que tais protagonistas marcaram não somente o momento em que vivenciaram, mas como também uma longa trajetória que influencia pesquisadores, historiadores e leitores que buscam o conhecimento destas até os dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANGELA, Alberto. *Cleópatra: a rainha que desafiou Roma e conquistou a eternidade*. Trad. de Milena Vargas. 1. Ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

BENARIO, Janice M.; *Dido and Cleopatra; Vergilius (1959-)*, No. 16 (1970), p. 2-6 (5pp). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41591641>. Acesso em 16 de abril de 2023.

BIZÁRIO, Priscila Cristina. *A figura de Dido em Virgílio e Ovídio: uma análise da rainha cartaginesa na Epopeia e na Elegia*. Monografia (Bachare-

⁴ "Dux femina facti" que pode ser traduzido como "uma mulher que é chefe de um feito".

lado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara-SP, 2014. 39f.

COUTO, Hildo Honório do. O que vem a ser Ecolinguística, afinal? Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/22250/20296>. Acesso em 23 de abril de 2023.

_____. *Ecolinguística*. Disponível em: http://www.ecoling.unb.br/images/3_Ecolingustica.pdf. Acesso em 26 de maio de 2023.

DE SÁ, Michele Eduarda Brasil. O mito de dido e Enéas em Virgílio, Ovídio e Marlowe. *Travessias Interativas-Mito e Literatura*. n. 20, v. 10, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/13956/10676>. Acesso em 20 de abril de 2023.

GALETTI, Camila. Um espectro ronda as mulheres: o espectro da insuficiência. *Revista espaço acadêmico*. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/2020/12/21/um-espectro-ronda-as-mulheres-o-espectro-da-insuficiencia/>. Acesso em 23 de abril de 2023.

HORIZONTE, Lucia de Belo. Eneias e Dido, as consequências da fama. Disponível em: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2012/01/eneias-e-dido-as-consequencias-da-fama.html>. Acesso em 23 de abril de 2023.

MELO, Helena Sousa. As abelhas trabalhadoras. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3556/3/Abelhas%20trabalhadoras.pdf>. Acesso em 23 de abril de 2023.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. 7. ed. Editora paz e terra. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf. Acesso em 23 de abril de 2023.

RODRIGUES, Natália Vasconcelos. A representação de dido e o discurso feminino na épica e na elegia. *Revista Entrelaces*, Ano III, n. 3 – novembro de 2013. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23271/1/2013_art_nvrodriques.pdf. Acesso em 16 de abril de 2023.

VIRGÍLIO; *Eneida*. Trad. de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2014.